



A informação contida nesta ficha foi compilada por Jaume Portell, jornalista especializado em economia e relações internacionais, numa atividade co-financiada a 85% por fundos FEDER no âmbito do projeto [AfricanTech](#) (1/MAC/1/1.3/0088) da iniciativa INTERREG VI D MAC 2021-2027.

GÂMBIA

Quadro macroeconómico:

A Gâmbia é o país mais pequeno da África continental e está inserida no território do Senegal. O rio homónimo, que atravessa o país do interior até à costa, apresenta oportunidades para um país que, após seis décadas de independência, ainda não conseguiu aproveitar plenamente esse potencial. Após 22 anos de ditadura militar, a Gâmbia concluiu com sucesso a transição para a democracia em 2016. Desde então, o governo tem enfrentado uma situação económica delicada, embora o PIB não tenha parado de crescer. Após a quebra do turismo (20% do PIB) durante a pandemia em 2020, a Gâmbia tem recuperado gradualmente a normalidade, embora ainda não tenha atingido os níveis pré-pandemia. O PIB cresceu 4,9% em 2022 e 5,6% em 2023, segundo o African Economic Outlook, e alcançou os 2.340 milhões de dólares nesse mesmo ano, segundo o Banco Mundial. Os principais sectores são o turismo, a agricultura, com forte enfoque no cultivo do amendoim, e a construção. A diáspora gambiana, que inclui 23.000 gambianos a viver em Espanha, tem um peso crescente na economia do país: as suas remessas representam um quarto do PIB nacional. Esta entrada de divisas foi essencial durante a pandemia para compensar a quebra de receitas provocada pela paralisação do turismo e já é um canal de entrada de investimento na Gâmbia, centrado sobretudo no sector imobiliário e turístico.

Dívida:

A Gâmbia tem um stock de dívida pequeno (1.130 milhões de dólares), mas com um peso determinante na economia nacional. Em 2022, o serviço anual da dívida ultrapassou os 100 milhões de dólares, valor que se manterá até ao final da década. A saída de dólares por este motivo e a fraca diversificação económica constituem riscos a ter em conta. A escassez de dólares traduz-se numa perda de valor da moeda local, o dalasi, que numa década passou de 51 dalasi/dólar para os 74

dalasi/dólar actuais. Consequentemente, a maioria dos gambianos perdeu poder de compra de forma estrutural. Segundo a UNCTAD, o serviço dos juros da dívida representa 9,5% das receitas do orçamento do governo. Sem acesso ao mercado privado, a Gâmbia recorre sobretudo a empréstimos de organismos multilaterais como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional ou o Banco Islâmico de Desenvolvimento. Os credores bilaterais são oriundos do Médio Oriente e do Sul da Ásia: a Arábia Saudita (11% da dívida gambiana) e o Kuwait (7%) têm um papel destacado, a par da Índia (7%).

Importações e exportações:

Segundo as projecções do Fundo Monetário Internacional, as importações da Gâmbia continuarão a superar amplamente as exportações até 2028. Para sustentar este défice comercial, as principais fontes de rendimento são o turismo e as remessas que, segundo o FMI, ultrapassarão os 700 milhões de dólares anuais em 2028. A maioria das exportações gambianas consiste em amendoins não transformados, caju, peixe e madeira. Mais de metade destas exportações tem como destino a Índia e a China. As principais importações estão ligadas à energia (gasolina) e à alimentação (arroz, trigo, óleo de palma). Um terço das importações provém da China. A fragilidade do dalasi, aliada à dependência destas importações, torna a Gâmbia particularmente vulnerável a choques geopolíticos; o conflito na Ucrânia fez disparar os preços da gasolina e do trigo. Num país onde o peixe é abundante, a possibilidade de produzir fertilizante localmente abriria oportunidades para a agricultura. Uma maior autosuficiência alimentar em produtos como cebolas ou batatas libertaria dezenas de milhões de dólares que poderiam ser usados para importar maquinaria, aumentando assim a produtividade agrícola. Tudo isto depende de um fornecimento regular de electricidade, que na Gâmbia depende, em 40%, de um navio flutuante de uma empresa turca, a Karpowership.

Electricidade:

A Gâmbia gerou em 2022 menos de 0,5 TWh de electricidade. Este valor triplica o registado no ano 2000, mas continua insuficiente para fornecer energia à maioria da população ou permitir a industrialização do país. O potencial para a energia solar é evidente, mas exigiria investimento prévio e importação de painéis solares. Segundo o African Economic Outlook de 2024, o défice de financiamento em infraestruturas e inovação tecnológica na Gâmbia é de 2.800 milhões de dólares. Um valor que parece elevado face ao tamanho da economia do país, mas que é inferior ao que Espanha gastou na importação de smartphones em 2023 (4.252 milhões de dólares).

Defesa:

O gasto anual em material de defesa foi de 13,2 milhões de dólares em 2023,

segundo o SIPRI, um instituto sueco especializado no comércio de defesa. Esta quantia representa 0,58% do orçamento do governo. O principal fornecedor da Gâmbia foi, até à ruptura de relações diplomáticas em 2016, Taiwan.

Demografia:

Tal como outros países da região, a Gâmbia viu mudar significativamente a distribuição populacional entre zonas rurais e urbanas nas últimas três décadas. Em 1990, 6 em cada 10 gambianos viviam em zonas rurais; actualmente, apenas 36% da população reside nessas áreas. Nesse período, a população passou de pouco mais de 1 milhão para 2,7 milhões de habitantes. Muitos migraram para zonas urbanas, onde esperam encontrar melhores oportunidades. A esperança de vida aumentou de 51 anos em 1990 para 63 anos actualmente. Metade da população tem menos de 20 anos.

Inovação tecnológica:

O uso da Internet na Gâmbia tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, ultrapassando os 50% da população em 2022. Em 2010, esse valor não chegava a 10%. O projecto de uma rede nacional de banda larga foi financiado por um empréstimo do Banco de Importações e Exportações da China.